

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

 **Giovani José da Silva**
Universidade Federal do Amapá
Macapá, AP – BRASIL
lattes.cnpq.br/3769551151558713
giovanijsilva@hotmail.com
 orcid.org/0000-0003-4906-9300

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180316432024e0108>

Recebido: 02/08/2024

Aprovado: 02/12/2024

Editor Responsável (Convidado):

Emerson Cesar de Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina
orcid.org/0000-0002-1455-4528



“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui
Giovani José da Silva

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui

Resumo

Nos últimos anos, no Brasil, o termo “decolonial” ganhou força e respaldo entre intelectuais das Ciências Sociais e Humanas, sobretudo por conta dos trabalhos do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), surgido nos anos 1990, formado por latino-americanos e americanistas. Antes, porém, do aparecimento do M/C, uma socióloga e historiadora boliviana de origem Aymará, Silvia Rivera Cusicanqui, já apresentava reflexões e ações que, ao invés de decoloniais prefere chamar de descolonizantes/descolonizadoras. Apesar de mais de 40 anos de atuação intelectual e política, sobretudo em movimentos libertários andinos, Rivera Cusicanqui ainda é pouco conhecida no ambiente acadêmico brasileiro. Por meio da leitura e da análise de suas obras, bem como de seus intérpretes, é possível desvendar a originalidade das propostas realizadas por ela, sempre de maneira coletiva e colaborativa. O objetivo do artigo é apresentar, ainda que parcialmente, seu pensamento-sentimento-movimento, mostrando a importância de formulações teórico-práticas para as ações-reflexões a respeito da história do tempo presente na América Latina, em particular na Bolívia, seu país de origem. A partir dos trabalhos desenvolvidos inicialmente no *Taller de Historia Oral Andina (THOA)*, do qual a intelectual-ativista foi uma das cofundadoras, é possível vislumbrar formas outras de se fazer-pensar os registros das oralidades, bem como seus usos e possíveis abusos. Além disso, o mundo *ch'ixi* preconizado por ela, notadamente em suas últimas obras, permite combater a “ventriloquia decolonial” (que pretende falar pelos subalternizados), avançando de discursos para práticas que, de fato, incidam sobre a descolonização de saberes e fazeres.

Palavras-chave: Silvia Rivera Cusicanqui; *Mundo Ch'ixi*; decolonial.

“Give voice” or “give ear” to subalternized people? The “Global South” in perspective in the work of Silvia Rivera Cusicanqui

Abstract

In recent years, in Brazil, the term “decolonial” has gained strength and support among intellectuals in the Social Sciences and Humanities, especially due to the work of the Modernity/Coloniality (M/C) group, which emerged in the 1990s and was formed by Latin Americans and Americanists. Before the emergence of M/C, however, a Bolivian sociologist and historian of Aymara origin, Silvia Rivera Cusicanqui, had already presented reflections and actions that, instead of decolonial, she prefers to call decolonizing/decolonizing. Despite more than 40 years of intellectual and political activity, especially in Andean libertarian movements, Rivera Cusicanqui is still little known in Brazilian academia. By reading and analyzing her works, as well as those of her interpreters, it is possible to uncover the originality of the proposals she put forward, always in a collective and collaborative manner. The aim of this article is to present, albeit partially, her thought-feeling-movement, showing the importance of theoretical-practical formulations for actions-reflections regarding the history of the present time in Latin America, particularly in Bolivia, her country of origin. Based on the work initially developed at the *Taller de Historia Oral Andina (THOA)*, of which the intellectual-activist was one of the co-founders, it is possible to glimpse other ways of making-thinking the records of oral traditions, as well as their uses and possible abuses. Furthermore, the *ch'ixi world* advocated by her, notably in her latest works, allows us to combat “decolonial ventriloquism” (which seeks to speak for the subalternized), moving from discourses to practices that, in fact, impact the decolonization of knowledge and actions.

Keywords: Silvia Rivera Cusicanqui; *Ch'ixi World*; decolonial.

Considerações iniciais

Nos últimos anos, no Brasil, o termo “decolonial” ganhou força e respaldo entre intelectuais, especialmente das Ciências Sociais e Humanas. Foi (e ainda é) como se tivesse havido um novo “descobrimento”: o de que, uma vez colonizados por europeus (notadamente portugueses), devesse haver uma teoria que (re)posicionasse os chamados “excluídos” da história brasileira (e, também, latino-americana), “dando-lhes” voz e vez. Não à toa, autores como Walter Dignolo, Nelson Maldonado-Torres, Aníbal Quijano (1928-2018) e Enrique Dussel (1934-2023) tiveram suas obras traduzidas para a língua portuguesa ou mesmo passaram a ser lidos em espanhol/inglês, obtendo reconhecimento do público acadêmico-universitário. Esses e outros – em sua maioria homens, brancos e ocupantes de postos em universidades do “Norte global”¹ – fazem/fizeram parte do grupo denominado Modernidade/Colonialidade, também re-conhecido pela sigla M/C.

Sobre as origens do M/C, Luciana Ballestrin (2013, p. 94) informa que:

[...] podem ser remontadas à década de 1990, nos Estados Unidos. Em 1992 – ano de reimpressão do texto hoje clássico de Aníbal Quijano “Colonialidad y modernidad-razionalidad” – um grupo de intelectuais latino-americanos e americanistas que lá viviam fundou o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos. Inspirado principalmente no Grupo Sul-Asiático dos Estudos Subalternos, o *founding statement* do grupo foi originalmente publicado em 1993 na revista *Boundary 2*, editada pela Duke University Press. Em 1998, Santiago Castro-Gómez traduziu o documento para o espanhol como “Manifiesto inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos”. A América Latina foi assim inserida no debate pós-colonial.

Tal grupo de intelectuais – que inclui, além de Castro-Gómez, Arturo Escobar, Catherine Walsh, Javier Sanjinés e Ramón Grosfoguel, dentre outros – se afastaria das propostas do coletivo sul-asiático com o passar do tempo. Estranhamente (mas nem tanto, como se verificará neste artigo), um nome que inicialmente esteve próximo ao M/C, inclusive merecendo elogios de Walter

¹ “Norte global” é tomado em oposição a “Sul global”, termo utilizado em estudos pós-coloniais e transnacionais que se relaciona tanto ao chamado “Terceiro Mundo” como ao conjunto de “países em desenvolvimento”. Também pode incluir as regiões mais pobres de países ricos (em geral, localizados no Hemisfério Norte do planeta). O “Sul global” estende o conceito de “países em vias de desenvolvimento” e, habitualmente, se refere àqueles que têm uma história interconectada de colonialismo, neocolonialismo, além de uma estrutura socioeconômica com grandes desigualdades (Peres-Neto, 2024).

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui

Giovani José da Silva

Mignolo (2002), o de Silvia Rivera Cusicanqui, se manteve arredo ao longo dos anos, por vezes criticando-o duramente². Para a socióloga e historiadora boliviana, ativista de origem Aymará³, o grupo não segue o ritmo dos debates formulados por intelectuais “índios”⁴ e tampouco interage com as Ciências Sociais andinas de forma significativa (a não ser pela concessão de bolsas de estudo e convites para eventos acadêmico-científicos, notadamente de professores e estudantes indígenas e afrodescendentes de países andinos). Por essa razão, para ela, “Mignolo e companhia” neutralizariam, com uma espécie de “multiculturalismo de salão, despolitizado e cômodo”, “[...] as práticas descolonizantes ao entronizar na academia o limitado e ilusório reino da discussão sobre modernidade e descolonização” (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 109).

Com discursos requintados e estéreis, o M/C distorceria as possibilidades de uma real descolonização, ao promover leituras essencialistas e despolitizadas das questões coloniais na América Latina. Em outras palavras, existiria certa apropriação de termos/conceitos/noções por parte da *intelligentsia* citada, que se distanciaria das práticas e das urgências políticas de diversas comunidades e coletividades. Há uma denúncia, portanto, de que os estudos desde o “Norte global” retomariam estrategicamente discussões de intelectuais-ativistas e de movimentos sociais e políticos latino-americanos (embora os oblitere propositalmente), reproduzindo-as por meio de aparelhos conceituais próprios e autorreferenciais (disfarçados de “novidades” acadêmicas), sem, contudo, estabelecer quaisquer diálogos e/ou compromissos com eles.

² A esse respeito, afirma ironicamente Rivera Cusicanqui (2021, p. 103): “Dr. Mignolo, numa determinada época, pôs-se a me elogiar, talvez colocando em prática um ditado do sul da Bolívia que diz: ‘Elogiem o tonto que o verão trabalhar’. Retomava ideias minhas sobre o colonialismo interno e a epistemologia da história oral entramadas em um discurso da alteridade profundamente despolitizado”.

³ Aymará (autodenominação do grupo em sua própria língua) é um povo estabelecido desde antes da chegada dos europeus às Américas, ao final do século XV, nos atuais territórios do Sul do Peru, da Bolívia, da Argentina e do Chile. Também são conhecidos, entre a população boliviana, como *Quollas* ou *Kollas* (Para outras informações, consultar Klein, 1991).

⁴ Rivera Cusicanqui (2021, p. 98-99) prefere utilizar a terminologia “índio”/“índia” – ao invés de “povos originários” – para marcar que “índio” é uma invenção colonial, imposta pelos colonizadores europeus, que reverbera até os dias atuais: “O termo ‘povo originário’ afirma e reconhece, mas ao mesmo tempo invisibiliza e exclui a grande parte da população aymara ou qwichua do subtropical, dos centros mineiros, das cidades e das redes comerciais de mercado interno e contrabando. É, portanto, um termo apropriado para a estratégia de não reconhecer as populações indígenas em sua condição de maioria e de negar sua potencial vocação hegemônica e capacidade de efeito estatal”.

Assumindo, dessa forma, uma postura avessa e crítica em relação ao cânone em formação dos campos de estudos pós-coloniais, multiculturalistas e do pensamento decolonial formulado pelo M/C, Rivera Cusicanqui (2020) afirma que esses discursos acadêmicos buscariam frequentemente se investir de um “multiculturalismo oficial” ou, ainda, “ornamental e simbólico”. Isso sem contar que essas alocações também teriam sido assumidas em relação ao Estado Plurinacional da Bolívia, embarcado em uma espécie de “espetáculo pluriétnico/multiétnico”, dedicado a garantir a continuidade do exercício de poder das elites por meio de certo reconhecimento “retalhado”, condicionado e relutante dos direitos indígenas, denominado como “cidadania recortada e de segunda classe”.

Assim, os discursos do multiculturalismo que impõem, inclusive, novas nomenclaturas (tais como “povos originários”) seriam nada mais que:

[...] a retórica neoliberal das intenções politicamente corretas de inclusão e constitucionalização dos direitos das comunidades indígenas. No entanto, constitui uma retórica da “cidadania igualitária” como uma fórmula ornamental e simbólica, através de uma agenda que encobre os privilégios das elites. A denominação multicultural das comunidades indígenas como “povos originários” alude a um passado estático, a um “bom selvagem” que não tem atualidade, carente de necessidades e interesses no presente e futuro. Com esta radical negação fica evidente o propósito colonial de tal “reconhecimento jurídico”: a estratégia da invisibilização das lutas históricas indígenas, da continuidade da invasão e saqueio territorial, e sobretudo, da negação de sua proposta de autoafirmação e vocação de poder político (Villalón; Sanabria-González, 2019, p. 241).

Propondo uma postura de reflexão-ação na contramão dessa retórica liberal, a socióloga e historiadora boliviana esteve envolvida desde o início dos anos 1980 com trabalhos de história oral, especialmente entre mulheres, em perspectiva bastante distinta daquelas preconizadas por Paul Thompson (1992), Philippe Joutard (1986) e outros historiadores do “Norte global”. Não se trataria, pois, de “dar voz” aos excluídos/oprimidos, o que é considerado autoritário e colonialista, uma vez que os subalternizados têm voz, mas não vez para se expressarem e agirem. A ideia é “dar ouvidos”, escutando e registrando com eles histórias outras, sob pontos de vista diversos, para “alimentar” ações e movimentos de emancipação/libertação. Com essa atitude, Rivera Cusicanqui convida a reformulações sobre práticas e discursos descolonizadores, radicalmente diferentes do grupo M/C.

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui
Giovani José da Silva

O objetivo do artigo é, pois, apresentar, ainda que parcialmente, o pensamento-sentimento-movimento de Silvia Rivera Cusicanqui, mostrando a importância de suas formulações teórico-práticas para as ações-reflexões a respeito da história do tempo presente na América Latina, em particular na Bolívia, seu país de origem. A partir dos trabalhos desenvolvidos inicialmente no *Taller de Historia Oral Andina (THOA)*⁵, do qual a ativista foi uma das cofundadoras, é possível vislumbrar formas outras de se fazer-pensar os registros das oralidades, bem como seus usos e possíveis abusos. Além disso, o *mundo ch'ixi* preconizado por ela, notadamente em suas últimas obras, permite combater a “ventriloquia decolonial”⁶ (que pretende falar pelos subalternizados), avançando de discursos para práticas, de fato, descolonizantes.

Rivera Cusicanqui e o *mundo ch'ixi*: sobre reais práticas e discursos descolonizadores

Silvia Rivera Cusicanqui nasceu em La Paz, uma das capitais da Bolívia, a 9 de dezembro de 1949. É uma intelectual-ativista de origem indígena, referência no campo do pensamento-sentimento-movimento decolonial (ou descolonizante/descolonizador, como ela prefere) andino. Sua trajetória de pesquisa-ação na História e na Sociologia remete às rebeliões anticoloniais indígenas, desde a liderada por Túpac Katari⁷ no século XVIII até manifestações mais contemporâneas, tais como o movimento katarista das décadas de 1970-80 e o movimento *cocalero*, nos quais foi militante⁸. Estudou apropriações indígenas e “mestiças” de anarquistas andinos, além do cruzamento de epistemes, línguas e saberes-fazer “ocidentais” e “nativos”, que ocorreram nessas organizações ao longo do tempo⁹.

⁵ Oficina de História Oral Andina, em português.

⁶ A expressão aqui é tomada de empréstimo do artigo de Daniel Inclán Solís (2016).

⁷ Túpac Katari, nascido Julián Apasa Nina (1750-1781), foi líder de uma rebelião do povo Aymará contra as autoridades coloniais espanholas em Alto Peru, atual Bolívia, no início da década de 1780 (Para outras informações, consultar Grondin, 1984).

⁸ Sobre o katarismo, conferir Fabiola Escarzaga (2012). A respeito do movimento *cocalero* na Bolívia, consultar a importante obra, em português, de Vivian Urquidi (2007).

⁹ Termos como “ocidentais” e “mestiços”, dentre outros, aparecem entre aspas no artigo por fazerem parte de jargões tradicionalmente utilizados nas Ciências Humanas e Sociais e que na obra de Silvia Rivera Cusicanqui merecem atenção e são relativizados/problematizados.

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui
Giovani José da Silva

A partir de cosmogonias “índias”, notadamente Aymará e Quíchua, articulou uma diversidade de propostas descolonizadoras de ideias, práticas e gestos políticos/intelectuais. Também desenvolveu radicais críticas às correntes pós-coloniais, multiculturalistas e ao cânone em formação em torno do decolonial proposto pelo M/C. Entre suas referências teóricas encontram-se intelectuais latino-americanos não suficientemente (ou nada) reconhecidos pela academia “ocidental”, tais como Felipe Guamán Poma de Ayala (1535-1615), Fausto Reinaga (1906-1994), Frantz Fanon (1925-1961), René Zavaleta Mercado (1935-1984) e Pablo González Casanova, dentre outros. É autora de dezenas de publicações, entre livros e artigos escritos em línguas espanhola, quíchua e aymará. Em 2018, foi titulada Doutora *Honoris Causa* da *Universidad Mayor de San Andrés*, onde lecionou por mais de três décadas, e, ainda, foi professora visitante em universidades dos Estados Unidos e do Equador.

Rivera Cusicanqui cofundou, ao lado de intelectuais de origem Aymará, e coordenou o *THOA*, uma comunidade cultural e política, em fins de 1983. No início, a oficina agregou um grupo de estudantes do curso de Sociologia da *San Andrés*, de maioria indígena, e teve como objetivo principal investigar a participação “índia” em revoltas da época colonial. Privilegiando a tradição oral e as entrevistas como fontes de informação (e “armas” para as lutas travadas pelos movimentos indígenas contemporâneos), a intenção era a de aplicar metodologias descolonizadoras, marcadas pela preocupação em “dar ouvidos” aos subalternizados, instrumentalizando-os a registrar a história de pontos de vista outros, em vez de “dar voz” a quem quer que fosse.

Há que se reconhecer a importância dos estudos subalternos sul-asiáticos na elaboração dessas metodologias, especialmente os de Gayatri Chakravorty Spivak¹⁰. Uma prova disso foi a compilação, em espanhol, feita por Silvia Rivera Cusicanqui e Rossana Barragán (1997) de *Debates Post Coloniales: una introducción a los Estudios de la Subalternidad*, coletânea de textos de pesquisadores indianos, alguns radicados fora de seu país de origem (chamados de “intelectuais da diáspora”). Trata-se de um conjunto de artigos que permite

¹⁰ Gayatri Chakravorty Spivak, crítica e teórica indiana, é conhecida no Brasil especialmente pela tradução da obra *Pode o subalterno falar?* (SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010).

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui
Giovani José da Silva

conectar e retomar temáticas esboçadas por diversos círculos latino-americanos desde os anos 1970, além de enfrentar novas perguntas e realidades, como as colocadas pelas mobilizações étnicas/ indígenas dos anos 1980-90. Isso permitiu a elaboração de obras instigantes que buscaram romper com a adoção irreflexiva de “modas acadêmicas” advindas do “Norte global”.

Dentre os livros publicados encontram-se *Oprimidos pero no vencidos: luchas del campesinado aymara y qhechwa de Bolivia, 1900-1980* (1986); *The politics and ideology of the Colombian peasant movement. The case of ANUC (National Association of Peasant Smallholders)* (1987); *Bircholas: trabajo de mujeres: explotación capitalista o opresión colonial entre las migrantes aymaras de La Paz y El Alto* (2002); *Las fronteras de la coca: epistemologías coloniales y circuitos alternativos de la hoja de coca: el caso de la frontera boliviano-argentina* (2003); *Pueblos originarios y estado* (2008); *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* (2010); *Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina* (2015); *Violencias (re)encubiertas en Bolivia* (2012); *Mito y desarrollo en Bolivia: el giro colonial del gobierno del MAS* (2015); *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis* (2018); *Repensar el anarquismo en América Latina: Historias, epistemes, luchas y otras formas de organización* (2019)¹¹.

Rivera Cusicanqui tem, além de uma vasta produção bibliográfica, um passado muito vinculado aos movimentos katarista, *cocalero* e outros libertários da Bolívia. Na década de 2010, trabalhou no espaço político e cultural *El Tambo*, em La Paz, onde organizou cursos, festas e apresentações, unindo saberes teóricos e fazeres manuais. Lá, realizou, por vários anos, a oficina *Sociología de la Imagen*, um espaço de formação para descolonizar olhares, entendendo a imagem como “narrativa, como sintaxe entre imagem e texto, e como modo de contar e comunicar o vivido” (Barber, 2019). Contribuiu, também, no surgimento do *Colectivx Ch'ixi*, em La Paz, um espaço cultural onde milita e realiza oficinas e outras atividades, sempre mesclando saberes práticos e populares com trabalho intelectual.

¹¹ Entre organizações e coautorias encontram-se as seguintes obras: *Los artesanos libertarios y la ética del trabajo* (1988), com Zulema Lehm Ardaya e Víctor Hugo Ricaldi; *La mujer andina en la historia*, com Zulema Lehm Ardaya (1990) e *Ayllus y proyectos de desarrollo en el Norte de Potosí* (1992), com Ramón Conde e Felipe Santos.

Na descolonização dos olhares, compreendida como uma visão a partir da história colonial andina:

A autora propõe analisá-los [conceitos como mestiçagem, relações mercantis e lutas políticas] mediante a sociologia da imagem, uma metodologia crítica e descolonizadora de interpretação do passado-presente-futuro do mundo social aplicada aqui ao mundo colonial andino, que também pode ser útil para pensar o colonialismo contemporâneo. Sem necessariamente atender à “verdade histórica”, as imagens colocam em jogo um entramado moral, conceitual e simbólico, que evidencia uma interpretação e não apenas uma descrição dos fatos (Villalón; Sanabria-González, 2019, p. 240).

É a partir da sociologia da imagem – descrita como “[...] a forma como as culturas visuais, ainda que possam contribuir para a compreensão do social, se desenvolveram em uma trajetória própria, que ao mesmo tempo revela e reatualiza muitos aspectos não conscientes do mundo social” (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 29) – que a autora trabalha com a ideia de que nos países latino-americanos continua vigente uma situação de “colonialismo interno”¹². Para se contrapor a tal situação, é formulada a ideia de *mundo ch’ixi*¹³. Nos últimos anos, a socióloga e historiadora tem empreendido uma defesa em torno dessa metáfora-conceito (Rivera Cusicanqui, 2015, 2020, 2021), que compreende uma renúncia às estéreis ideias de hibridismo, por exemplo¹⁴.

Assim,

Em oposição ao binarismo cartesiano do paradigma moderno-ocidental que ora fetichiza e reifica as culturas, ora as dilui em uma

¹² Sobre o “colonialismo interno”, trata-se de conceito originalmente formulado por Pablo González Casanova (1963; 1969; 2007) e, de acordo com Rivera Cusicanqui, ignorado pelos intelectuais decoloniais do grupo M/C. “A definição do colonialismo interno está originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação, de transição para o socialismo, ou de recolonização e regresso ao capitalismo neoliberal” (González Casanova, 2007, p. 432).

¹³ O termo *ch’ixi* é de origem aymará e pode ser traduzido por “gris”, “cinza” ou “cinzento”: “La palabra *ch’ixi* tiene diversas connotaciones: es un color producto de la yuxtaposición, en pequeños puntos o manchas, de dos colores opuestos o contrastados: el blanco y el negro, el rojo y el verde, etc. Es ese gris jaspeado resultante de la mezcla imperceptible del blanco y el negro, que se confunden para la percepción sin nunca mezclarse del todo (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 110).

¹⁴ “A noção de ‘hibridismo’, proposta por García Canclini, é uma metáfora genética que conota esterilidade. A mula é uma espécie híbrida que não pode se reproduzir. O hibridismo assume a possibilidade de que, da mistura de dois diferentes, possa sair um terceiro completamente novo, uma terceira raça ou grupo social capaz de fundir os traços de seus ancestrais em uma mescla harmônica e sobretudo inédita” (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 112).

síntese inexistente ou híbrida, Rivera Cusicanqui aposta no caminho do entre que reconhece a coexistência de distintos universos culturais sob um mesmo contexto marcado pela incidência do “colonialismo interno” [...]. O caminho do entre aqui proposto é uma possibilidade de observar as re-existências indígenas em contextos urbanos, sem ignorar que sob a violência colonial perpetuada pelos Estados Nacionais independentes, subjaz um processo de reinvenção da vida que opera segundo uma lógica de negociação constante entre os distintos mundos que são constituintes de uma mesma realidade social. Ao mesmo tempo, ao oferecer uma possibilidade de analisar de maneira mais complexa de que forma esses sujeitos indígenas atuam sob a colonialidade, também possibilita vislumbrar um caminho emancipatório que se baseia na depuração do que há de melhor no legado europeu com o que há de melhor no legado índio. O Mundo Ch'ixi é, assim, um caminho de reflexão que transforma essa contradição em um mecanismo de autoemancipação (Bruce, 2023, p. 205).

O *mundo ch'ixi* é cunhado, portanto, a partir das realidades indígenas do altiplano andino, em especial do modo Aymará de reprodução social da vida, expressando reinvenções e transformando minorias – antes essencializadas, ou maiorias dispersas, diluídas em uma suposta “mestiçagem” despolitizada – em fontes potentes para se pensar as presenças “índias” em contextos urbano-ocidentais contemporâneos, sobretudo no que se refere à esfera pública das lutas locais/regionais (Bruce, 2023). O *ch'ixi* responde à compreensão “índia” de uma coisa que é e, ao mesmo tempo, não é. Se enquadra, portanto, na “lógica do terceiro incluído”, aquele que, sem deixar de ser, combina opostos sem ser “híbrido” ou “mestiço” (Monsalvo, 2011). Para avançar em relação às noções de “hibridismo” e de “mestiçagem”, parte-se de uma leitura ao mesmo tempo crítica e elogiosa da obra do sociólogo René Zavaleta Mercado (1983), recuperando a noção de *abigarramiento*, formulada na década de 1980, para tentar compreender as complexas heterogeneidades constitutivas da sociedade boliviana.

A noção de *ch'ixi*, pelo contrário [em oposição a “hibridismo”], equivale a de “sociedade abigarrada” de Zavaleta [Mercado], e reivindica a coexistência em paralelo de múltiplas diferenças culturais que não se fundem, mas que se antagonizam ou se complementam. Cada uma reproduz a si mesma desde a profundidade do passado e se relaciona com as outras de forma contenciosa (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 112).

O uso do conceito-metáfora *abigarrado*, advindo do vocabulário da região mineradora de Oruro, percebe o contexto histórico da Bolívia como uma formação

“folheada” por temporalidades diversas e justapostas. Ao observar os projetos econômicos e políticos que marcam a violenta história do país, Zavaleta Mercado (1983) vê espaços e tempos sendo conformados de maneiras dessemelhantes, incapazes de produzir uma síntese combinada. Nesse sentido, em um mesmo cenário podem ser observadas práticas “capitalistas” e “feudais” de maneira superposta, sem estabelecer linearidades, com camadas de tempo e história que contam ainda com as particularidades de cada região, com línguas e práticas culturais distintas entre si, cruzando-se sem que sejam dissolvidas em uma universalidade. Tal condição impediria uma distribuição uniforme de poder, condição tida pelo filósofo boliviano marxista como imprescindível para o bom funcionamento da democracia em uma sociedade moderna, ainda associada a conceitos estreitos de nação e de progresso.

Rivera Cusicanqui (2020) coincide, pois, com a aguda percepção com a qual Zavaleta Mercado conseguiu captar a realidade boliviana, não só a partir da ênfase em mesclas e superposições temporais constitutivas, mas, também, do reconhecimento de irregularidades e disjunções presentes no cenário desses (des)encontros. No entanto, a intelectual-ativista tomou distância da visão progressista que, de certa maneira, condena essas irregularidades/disjunções e que busca superar o fenômeno do *abigarramiento*. Nesse sentido, é o conceito-metáfora *mundo ch'ixi*, também proveniente da realidade e da cosmovisão mineira boliviana – em oposição a *chhixi*, que significa conformismo à dominação – que ela traz para sua obra, a fim de compreender as diferentes realidades históricas que se emaranham na diversidade temporal-espacial do cotidiano da Bolívia (Jácome; Kabalin Campos; Souza Leal, 2021).

“Assim, o *ch'ixi* torna-se uma aposta política descolonizadora para entender as identidades e as propostas de uma outra modernidade, uma modernidade índia, ou uma modernidade *ch'ix'*” (Villalón; Sanabria-González, 2019, p. 242). A descolonização precisa transcender a retórica, apostando-se em práticas e pensamentos descolonizadores, bilíngues, nutridos pelo *mundo ch'ixi*. Essa composição de uma práxis decolonial pressupõe a disposição de trabalhar relações outras de imaginário, capazes de incluir as diferenças, em vez de apaziguá-las ou, ainda, hierarquizá-las. É nessa direção que se encaminha a

proposta de Rivera Cusicanqui de uma *mirada ch'ixi* sobre o mundo, para se construir uma Bolívia descolonizada, afirmada em suas particularidades.

Tal postura esteve presente na ação-reflexão da intelectual-ativista mesmo antes das formulações sobre o *mundo ch'ixi*. Ao reunir um grupo de alunos e professores indígenas da *Universidad Mayor de San Andrés* em torno do *Taller de Historia Oral Andina*, no início dos anos 1980, Rivera Cusicanqui já demarcava uma de suas principais preocupações: como unir/ mesclar os saberes-fazeres populares às teorias descolonizantes? Ou melhor, como empreender reflexão-ação sobre práticas e discursos descolonizadores vigentes, tanto no ambiente universitário como nas retóricas políticas? Ao mesmo tempo, ressaltava não haver sustentação para discursos/teorias da descolonização sem a existência de práticas descolonizadoras que lhes dessem vida e sentido. Afinal, se há um presente atravessado pelo passado e pelo futuro (Nadal, 2019), que mantém contemporaneamente situações de “colonialismo interno”, as palavras “embaçariam” as realidades em lugar de nomeá-las, sendo necessário decifrá-las desde pontos de vista “índios”, tarefa a que se dedica o *THOA* há mais de 40 anos.

Taller de Historia Oral Andina (THOA): quatro décadas escuchando voces olvidadas

O *THOA* é uma instituição de investigação e oficina de propostas metodológicas ligadas à construção do conhecimento por meio das oralidades e de outros elementos característicos das culturas andinas, em geral. Fundado na primeira metade da década de 1980, tem como temas principais de trabalho a história, as relações de gênero, os direitos e as culturas dos povos indígenas andinos da Bolívia e suas inter-relações com sociedades não indígenas. Nas pouco mais de quatro décadas de atuação, o trabalho de formulação estratégica de metodologias descolonizadoras/descolonizantes – baseadas em uma historiografia andina revisionista, em demandas territoriais contemporâneas e em ações políticas coletivas e cooperativas (Stephenson, 2002) – tem sido bastante significativo¹⁵.

¹⁵ As informações a respeito do *THOA* foram retiradas de artigos científicos (Inclán Solís, 2016; Ottavianelli, 2013; Stephenson, 2002) e de *sites*, como a página do Facebook da instituição. Disponível em: <https://www.facebook.com/p/Taller-de-Historia-Oral-Andina-THOA-100068636509081/>. Acesso em 29 jul. 2024.

Entre os requisitos iniciais de admissão para os membros, se encontrava o conhecimento das línguas aymará e/ou quíchua, ainda que com o tempo tal condição tenha sido flexibilizada. A oficina era influenciada por perspectivas marxistas, pelo katarismo e pelo indigenismo proposto na obra de Fausto Reinaga (1967). O grupo tinha como objetivo a utilização da história oral para explorar e ressignificar a história das populações indígenas bolivianas e os trabalhos dos membros da oficina; ao longo de sua primeira década de atuação, envolveram tanto a realização de entrevistas com membros de comunidades indígenas andinas quanto a pesquisa em arquivos e bibliotecas/hemerotecas. Durante esse período, o principal objeto de pesquisa era o movimento de lutas indígenas por terras nas décadas de 1920 e 1930, além das redes de cacicados envolvendo os *ayllus*¹⁶. O resultado da pesquisa sobre o *ayllu* Santos Marka T'ula, por exemplo, foi publicado em livro (1984) e mais tarde transformado em radionovela de 90 episódios, transmitida em castelhano e em aymará por rádios do interior rural boliviano, a partir de 1986.

Entre 1983 e 2016, o grupo foi responsável pela produção de oito radionovelas, além da criação de uma rádio própria, intitulada de *Illapa*. Para além da pesquisa e da produção de conteúdo em áudio, a partir de 1989 o *THOA* passou também a produzir material audiovisual. Gravando com uma câmera VHS, os membros da oficina produziram um documentário sobre mulheres anarquistas na Bolívia intitulado *Voces de Libertad* e uma cinebiografia de Adrián Patiño (1895-1951), militar, diretor de bandas e compositor boliviano. Sobretudo ao final da década de 1980 e ao longo da de 1990, o grupo esteve envolvido junto com os esforços mais amplos das comunidades Aymará na reconstituição de *ayllus*, forma histórica de organização social indígena remetente ao Império Inca. Para além da documentação do movimento social em curso no período, o trabalho da oficina foi importante na recuperação e na divulgação dos movimentos indígenas históricos em territórios andinos.

A partir de sua vinculação ao *THOA*, grande parte do pensamento-sentimento-movimento de Rivera Cusicanqui em torno da história oral encontra-

¹⁶ Um *ayllu* (quíchua ou aymará), também chamado *aillo* ou *ayllus*, é uma forma de comunidade familiar extensa originária da região andina com uma ascendência comum – real ou imaginada – que trabalha em forma coletiva em um território de propriedade comunitária (Klein, 1991).

se expresse em “*El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica de la instrumentalización a la descolonización de la historia*” (Rivera Cusicanqui, 1987), o referido artigo elogiado por Walter Mignolo (2002). Nele, a autora analisa um duplo dilema: por um lado, o epistemológico enfrentado pela etnografia, que supõe uma relação assimétrica entre indivíduos e/ ou culturas cujo horizonte cognoscitivo é diametralmente oposto e, por outro, o dilema ético das Ciências Sociais e Humanas, nas quais o conhecimento pode se converter em instrumento de poder e se colocar contra os próprios interesses da comunidade investigada (Ottavianelli, 2013).

Por essa razão,

Si la estructura oculta, subyacente de la sociedad es el orden colonial, los investigadores occidentalizados están siendo reproductores inconscientes de este orden por el sólo hecho de centrar sus inquietudes conceptuales en las teorías dominantes de la homogeneidad social. Al pensar en términos homogéneos y sincrónicos, homogeneizan; al pensar en los indios como “campesinos” están negando activamente su “otredad” y contribuyendo a reforzar la opresión colonial – basada, precisamente, en la negación y exclusión (Rivera Cusicanqui, 2008, p. 171).

Dessa forma, ao atribuírem externamente identidades e imporem modificações à autopercepção “índia”, pesquisadores(as) “ocidentalizados”/“norte-centrados” se convertem em cúmplices de etnocídios e de despojos, perpetuando a condição de alienação do conjunto da sociedade e de si mesmos. Padecem, portanto, daquilo que Charles Melman (2000, p. 31) chamou de “Complexo de Colombo”, dado que o explorador do século XV “[...] não quis se interessar pelo que ia se passar em terra. E era capaz de explorar, descobrir, mas não quis se interessar pelo que deixara no lugar [...]”. Assim se comportam muitos daqueles que se dedicam a investigar/teorizar a subalternidade e os subalternizados: mostram-se zelosos com seus projetos de pesquisa, com os prazos a serem cumpridos, mas são incapazes de se interessar, realmente, pela descolonização de saberes-fazer, inclusive os próprios.

Diferentemente, para os membros do *THOA*, a história oral é “[...] más que una metodología ‘participativa’ o de ‘acción’ (donde el investigador es quién decide la orientación de la acción y las modalidades de la participación): es un *ejercicio*

colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor” (Rivera Cusicanqui, 2008, p. 171). Isso significa que não se trata, apenas, de realizar pesquisas e publicá-las, alimentando currículos e circuitos acadêmico-científicos e teorizando de maneira inócua sobre a subalternidade: a história oral – para além da “popularização da História”, que muitas vezes apenas reforça a lógica instrumental e a manipulação ideológica – aproxima a todos da desalienação e da descolonização das histórias. Cria, portanto, nas palavras de Marcia Stephenson (2002, p. 103), uma “contraesfera pública” indígena, uma arena discursivo-prática e territorial constituída pelo/no espírito coletivo e colaborativo:

The work of the pioneering Aymara nongovernmental organization known as the Taller de Historia Oral Andina (THOA) has contributed in keyways to the formation of the indigenous counterpublic sphere in Bolivia. [...], THOA has conducted an ongoing critique of Western epistemologies through writings and activism for close to two decades. THOA is not the only organization in Bolivia to undertake the difficult task of re-examining prevailing historiographic and intellectual paradigms from the point of view of indigenous peoples.

Como ressalta Stephenson (2002), não apenas o *THOA* realizou importantes trabalhos em história oral na Bolívia. Digno de nota, também, é o conjunto de obras surgidas a partir de uma organização sem fins lucrativos, sediada em Santa Cruz de la Sierra, a *APCOB – Apoyo Para el Campesino indígena del Oriente Boliviano*. Capitaneados por Jürgen Riester¹⁷, estudiosos se debruçaram sobre a realidade das gentes que vivem nas planícies bolivianas, conhecidas como *llanuras*, e elaboraram uma vasta obra, dedicada especialmente aos Chiquitano. Dentre elas, podem ser citadas: *Historia de los Chiquitanos* (Krekeler, 1995) e *Historia Oral Indígena*. É nessa última, escrita pela antropóloga Ulrike Hagen (1994), que se lê:

La transformación de la historiografía a causa del método de *Historia Oral* fue aun más profunda: al ocuparse de otros grupos sociales, tuvo también lugar un desplazamiento de los contenidos. Lo que estos grupos habían vivido como su propia historia, trajo nuevos impulsos, nuevas ideas y motivaciones para la misma disciplina histórica. En parte ello condujo a una reorientación del interés del conocimiento: Apartarse de los grandes acontecimientos centrales de una nación y orientarse al acontecer regional, cotidiano y experimentado en forma subjetiva (Hagen, 1994, p. 36).

¹⁷ Antropólogo alemão naturalizado boliviano, Jürgen Riester (1941-2019) dedicou boa parte de sua vida à pesquisa-ação entre os Chiquitanos do Oriente boliviano.

Hagen (1994, p. 12), assim como outros membros de *APCOB* e do *THOA*, coloca sob suspeita as pesquisas em história oral realizadas junto a comunidades indígenas “[...] para un mundo académico extraño y no para ni en pro de los investigados”. Ressalta, também, que os subalternizados não podem mais ser tratados como potenciais “fornecedores de dados”, a fim de sustentar teorias científicas/aparatos conceituais com os quais se promovem carreiras acadêmicas e que são irrelevantes para as próprias gentes/comunidades investigadas. Semelhante empreendimento tem sido realizado pela socióloga neozelandesa de origem Maori, Linda Tuhiwai Smith (2018), ao propor uma descolonização das metodologias nas pesquisas com/sobre povos indígenas.

Ao longo dos anos, o *THOA* publicou inúmeras pesquisas relacionadas à utilização da história oral, sem tomar as comunidades indígenas simplesmente como “objetos de pesquisa”. Entre essas publicações encontram-se: *El indio Santos Marca T’ula. Cacique principal de los ayllus de Callapa y apoderado general de las comunidades originarias de la república* (1986); *Los constructores de la ciudad. Tradiciones de lucha y trabajo del sindicato central de constructores y albañiles 1908-1980* (1986), *Mujeres y resistencia comunitaria. Historia y memoria* (1986) e *Taraq. Masacre, guerra y renovación en la biografía de Eduardo Nina Qhispi* (1991). Em 2006, a Oficina recebeu o Prêmio “Contribuição Institucional ao desenvolvimento da investigação científica em Ciências Sociais e Humanas”, da *Fundación para la Investigación Estratégica em Bolivia (PIEB)*, demonstrando seu forte compromisso social com as comunidades investigadas.

Estudando a atuação do *Taller de Historia Oral Andina* ao longo dos anos, a historiadora chilena Cristina Oyarzo Varela (2022, p. 167) se pergunta “¿Qué hacía al *THOA* tan interesante?” e responde que:

Una serie de características que permitieron que el proyecto asumiera la responsabilidad de afrontar procesos sociales y políticos de larga gestación, y que en ese momento se estaban consolidando. Entre ellas, y muy someramente esbozadas, están el haber innovado en metodologías; la intensidad de trabajo de campo desarrollado y publicado; y los interlocutores con quienes establecieron diálogos: no solo la academia, sino que, sobre todo, los pueblos indígenas de Bolivia. Este acento se manifestó en una particularidad interesante: era necesario saber aymara u otro idioma originario para poder ser parte del equipo. Ello tenía que ver

no solo con una cuestión política, muy relevante por sí misma, sino que también tenía alcances metodológicos, pues la posibilidad de hacer investigación de campo en el altiplano exigía entender y expresarse en el idioma que se hablaba en las comunidades. Esto fue una de las bases para establecer la confianza necesaria que permitió explorar las profundidades de los relatos orales a través de los que se extraería parte de la historia de los pueblos indígenas y, especialmente, aymara. A través de los primeros cuestionamientos al propio lugar que ocupaban los y las estudiantes, la exploración del pasado personal, familiar comenzó a tener relevancia, llegando a avanzar hacia un distanciamiento de los modos más convencionales desde los cuales se pensaban las Ciencias Sociales.

O *THOA* promoveu, assim, metodologias de escuta densa de protagonistas/agentes de processos de luta e de organização indígenas. Contra a “ventriloquia decolonial”, que pretende falar pelos subalternizados, “esterilizando” suas vozes em conceitos vazios de significados, foram construídas ações-reflexões de uma dimensão outra de tradução de saberes-fazer, utilizando-as para interligar tempos aparentemente fragmentados, mas sincronizados no presente em que se disputam os sentidos da vida coletiva. O trabalho do grupo, que atualmente caminha sem a presença constante de Silvia Rivera Cusicanqui, demonstra que “[...] la traducción es una tarea política, que no tiene por objetivo sacar de la oscuridad los saberes indígenas, para superar una nostalgia de olvido y maltrato; su fin es el de actualizar los saberes de la lucha para dar cuenta que en el pasado están las potencias de otros mundos posibles” (Inclán Solís, 2016, p. 77). Traduzir saberes-fazer subalternizados seria, então, uma forma de compreendê-los não como “coisas” que aconteceram, mas como projetos contemporâneos e futuros de emancipação.

Contra a “ventriloquia decolonial”: usos (e abusos) da tradução dos saberes-fazer subalternizados na América Latina

Ao comparar duas formas de traduzir o conhecimento dos subalternizados na América Latina – o dos estudos decoloniais do grupo M/C e o do *THOA*, Daniel Inclán Solís (2016, p. 70), fazendo coro às ideias de Rivera Cusicanqui, observa criticamente que:

Uno de los grandes límites de la interpretación decolonial es la sustancialización de procesos y geografías. Dan por sentada la existencia de una Europa que tiene un proyecto colonial y la existencia de grupos colonizados. En ninguno de los casos que estudian se observa un proceso de doble invención, al tiempo que se inventa América se inventa una versión de Europa, al tiempo que se construye el colonizado se construye el colonizador. Por otro lado, tampoco consideran la participación de los grupos locales en la producción de las relaciones de dominación (por ejemplo, en el caso de la llamada Mesoamérica, fueron los indios los que vencieron a los mexicas y los que participaron de su exterminio y sujeción).

Falta una perspectiva centrada en las contradicciones y las disputas políticas. La lectura que presentan es unívoca, no hay espacio para pensar las mediaciones y los conflictos políticos que intentan definir las formas sociales. No hay una preocupación por estudiar las discursividades subalternas, se obsesionan por demostrar la colonialidad en los discursos coloniales, pero no por mirar las enunciaciones silenciadas.

Além disso, Rivera Cusicanqui critica certo fetichismo em relação aos conceitos/ideias, implícitos nas formulações dos intelectuais do M/C ao elaborarem, por exemplo, noções como “colonialidade” (*colonialidad*), que, em essência, já haviam sido pensadas décadas antes sob outras denominações, tais como “colonialismo interno”, de González Casanova (2007). Esses e outros autores foram obliterados ao longo do tempo, o que produziu uma hierarquização de referências, além de um apego estéril à repetição nominal do cânone “norte-centrado”. A marginalização de contribuições intelectuais indígenas e “mestiças” (como as de Fausto Reinaga) – em favor de intelectuais contemporâneos centrados em universidades do “Norte global” e dedicados à satisfação da imaginação colonial sobrevivente em ambientes universitários – deu formas ao multiculturalismo.

Esse seria um neutralizador das verdadeiras práticas descolonizantes, concebendo simplesmente a acomodação de fragmentadas (portanto inertes) “identidades” em um mundo de hegemonia inquestionável. Para a autora, esse discurso da alteridade multicultural tem o defeito de ser profundamente despolitizado e tende a conceber os subalternizados de maneira essencialista e historicista, impondo-lhes o reconhecimento apenas sob a condição de uma “teatralização das identidades”, que implica a redução dos indígenas a modos “puros atemporais” (daí chamá-los de “povos originários”) e territórios

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui
Giovani José da Silva

fragmentados e impotentes, negando continuamente a contemporaneidade das gentes “índias”, ou melhor, sua capacidade de constituir uma presença atual inclusiva, a partir de múltiplas temporalidades, ancestralidades e epistemes que atravessam o tecido social andino, continuamente elaboradas e defendidas por Rivera Cusicanqui sob o nome de *mundo ch'ixi*:

Desde tempos coloniais se deram processos de luta anticolonial; em troca, o decolonial é uma moda muito recente que, de algum modo, usufrui e reinterpreta esses processos de luta, mas creio que os despolitiza, posto que o decolonial é um estado ou uma situação, mas não é uma atividade, não implica uma agência, nem uma participação consciente. Levo a luta anticolonial à prática nos fatos, de algum modo, deslegitimando todas as formas de coisificação e do uso ornamental do indígena que faz o Estado. Tudo isso são processos de colonização simbólica (Barber, 2019).

Tal colonização simbólica se dá a partir das universidades do “Norte global” (chamadas de “triângulos sem base”¹⁸), que enredam o ambiente universitário do “Sul global”, incluído o Brasil, e seus intelectuais em redes clientelistas, em que se valem de pressupostos de legitimidade e de poder na estrutura assimétrica do conhecimento acadêmico para criar “[...] um novo cânone acadêmico, utilizando um mundo de referências e contrarreferências que estabelece hierarquias e adota novos gurus [...]” (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 104-105). Entre esses “gurus”, ela identifica Mignolo, Dussel, Sanjinés e Walsh, a quem chama provocativamente de “intelectuais norte-centrados”. Essa hierarquização seria responsável pela apropriação disfarçada de contribuições teóricas de intelectuais indígenas e “mestiços” que recebem pouco ou nenhum reconhecimento/diálogo.

Silvia Rivera Cusicanqui acusa, por exemplo, Walter Mignolo (2002) de se apropriar prematura e ingenuamente das perspectivas que orientaram os trabalhos iniciais da Oficina de História Oral Andina, sem se responsabilizar com os desenvolvimentos críticos e autocríticos do *THOA* sobre o estudo da história oral, algo que se repete na relação com os movimentos políticos do “Sul global”. Dessa forma,

¹⁸ Para Rivera Cusicanqui (2021), esses “triângulos sem base” estão à distância de qualquer acontecimento cotidiano dos subalternizados, engajados apenas em um extrativismo simbólico que serve às estratégias de captura e recolonização dos Estados e do capitalismo.

as ideias correm como rios, de sul a norte, e se convertem em afluentes de grandes correntes de pensamento. [...] como no mercado mundial de bens materiais, as ideias também saem do país convertidas em matéria-prima, que depois retorna, regurgitadas e em uma grande amálgama, sob a forma de produto terminado (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 108).

Rivera Cusicanqui se propõe, pois, a analisar a “economia política” do conhecimento, descobrindo estratégias econômicas e mecanismos materiais que operam por detrás dos discursos – distinta da “geopolítica do conhecimento”, proposta por Mignolo (2020) – tarefa que recebeu pouca atenção concreta por parte do grupo M/C.

A “economia política” envolveria a percepção de que:

O discurso pós-colonial na América do Norte não é apenas uma economia de ideias, é também uma economia de salários, comodidades e privilégios, bem como uma certificadora de valores, por meio da concessão de títulos, bolsas, mestrados, convites à docência e oportunidades de publicação (Rivera Cusicanqui, 2021, p. 105-106).

A crítica à produção de alguns referentes “inquestionáveis” no campo do “decolonial” indaga o que os “gurus” ignoram (ou fingem ignorar), ao não entabularem diálogos com produções epistemológicas e apostas políticas da América Latina, muitas vezes preexistentes a conceitualizações formuladas por eles, tais como “diferença colonial”, “colonialidade do poder/ do saber”, “geopolítica do conhecimento”. Ao buscarem deslocar epistemologias construídas a partir do eurocentrismo para dar origem a “conhecimentos/paradigmas outros”, os discursos decoloniais apresentariam tendências excessivamente acadêmicas, perigosamente revestidas de retórica culturalista/política sem consequências práticas. Ao contrário, reproduzem modelos de colonialismo interno, contribuindo para “mudanças que nada mudam”, por meio de reconhecimentos que não saem do plano textual, com funções puramente simbólicas, permanecendo, assim, a serviço de discursos multiculturalistas de Estados e de *mass media*.

Além disso, o grupo M/C privilegiaria a análise da América hispânica em detrimento da América Latina, chamando pouca atenção aos processos de colonialismo(s) interno(s) dentro do continente, à exceção dos Estados Unidos. Sem contar que, para Luciana Ballestrin (2013, p. 111-112),

[...] alguns textos esbarram na romantização dos oprimidos e explorados, apologia do sujeito autóctone/original, desconstrutivismo paralisante e saída do próprio campo científico que está em disputa. Outro ponto problemático é certa ausência de elaboração e preocupação com a teoria democrática no espectro da modernidade/colonialidade.

Sem romantizações, os sentimentos-pensamentos-movimentos de Rivera Cusicanqui caminham em direções outras. Reconstruir/recontar as histórias dos grupos subalternizados requer ouvidos (e olhos) atentos às dinâmicas internas das coletividades, deixando de se prestar atenção tão somente à construção das discursividades dominantes, como fazem, por exemplo, os intelectuais do M/C. Afinal, as relações coloniais/colonialistas, seja no passado e/ou no presente, também são produtos de sujeitos colonizados. Necessário se faz, portanto, atitudes que mesclem teoria e ação, sem folclorização ou idealização de aspectos das culturas indígenas e outras.

A obra de Silvia Rivera Cusicanqui e de outros tantos pesquisadores-ativistas latino-americanos – mais interessados na emancipação/libertação dos sujeitados à subalternidade do que em estratégias de tradução criadoras de novos e sofisticados jargões, além de solilóquios intelectuais – merece atenção e respeito. Combater a “ventriloquia decolonial” significa, portanto, não ceder à “tentação” de “dar voz” aos sujeitos, como pretendem historiadores orais “norte-centrados”. Significa, também, “dar ouvidos”, como fazem os membros do *THOA*, construindo coletivamente exercícios de tradução na reconstrução das histórias pretéritas e contemporâneas e na prefiguração de mundos possíveis.

Considerações finais

Escrever um artigo sobre Silvia Rivera Cusicanqui, de certa forma apresentando-a à comunidade historiadora brasileira, especialmente a que trabalha com História do Tempo Presente, não é tarefa das mais simples por dois motivos. O primeiro está relacionado com a escassez de trabalhos recentes em língua portuguesa sobre essa pensadora-ativista (Dalfré, 2023; Kovalczuk, 2021; Miranda, 2018) e o segundo com o fato de a maior parte de sua obra não se encontrar traduzida, sobretudo o pioneiro e importante livro *“Oprimido pero no vencidos”*, de 1986. Assim, diferentemente de muitos autores do grupo M/C, ela

ainda não desfruta do prestígio acadêmico conferido a outros “decoloniais” (rótulo que ela rejeita, preferindo os termos “descolonizador”/“descolonizante”) no país, seja por meio de publicações ou participações em eventos científicos.

Uma questão importante nesse cenário contemporâneo pós-colonial/decolonial é a sentida ausência de intelectuais do Brasil, embora Darcy Ribeiro e Milton Santos sejam lembrados (Ribeiro, 2011). Esse é um ponto bastante problemático, já que a colonização portuguesa – a mais duradoura empreitada colonial europeia nas Américas – trouxe especificidades ao contexto brasileiro em relação a outros países do continente, igualmente submetidos à subalternização. Assim, o Brasil aparece quase como uma realidade apartada da latino-americana e é significativo o fato de não haver pesquisadores do país associados à produção científica descolonizadora/descolonizante (Ballestrin, 2013).

Daí a importância de se conhecer a obra de Rivera Cusicanqui, que, embora esteja voltada à compreensão dos contextos andinos e, especificamente, dos bolivianos, pode servir de inspiração para se pensar-sentir-agir em relação às subalternidades outras da América Latina, especialmente da porção não hispânica, como é o caso do Brasil. É curioso que os trabalhos desenvolvidos pelo *Taller de Historia Oral Andina*, ao longo de mais de 40 anos, ainda sejam praticamente desconhecidos por quem faz história oral no país, assim como a obra de Silvia Rivera Cusicanqui. Como visto, isso está relacionado, principalmente, ao fato de a intelectual-ativista se manter distante do M/C e marcar forte oposição ao que ela chama de pesquisas “norte-centradas” e “autorreferentes” desenvolvidas pelo grupo, além de ser uma crítica contumaz do governo Evo Morales/Álvaro García Linera (2005-2019).

Sua produção intelectual, mesclada ao envolvimento direto com/em movimentos libertários na Bolívia, está marcada por ações-reflexões sobre a história de um tempo presente atravessado pelo passado (ancestralidade) e revelador de mundos outros possíveis no futuro (como o *mundo ch'ixi*). Assim, os resultados dos trabalhos com história oral, desde o ponto de vista dos subalternos/excluídos, não podem servir apenas e tão somente para quem investiga, mas, sobretudo, para os investigados. Rompendo-se com a “observação participante” – e buscando-se a efetiva participação que não apenas observa, mas

interage/atua/compartilha –, necessário se faz “dar ouvidos” e se deixar impactar pelos discursos das alteridades, das vozes caladas/sufocadas por tanto tempo dos subalternizados, transformando as realidades e transformando-se ao mesmo tempo.

Descolonizar o pensamento-sentimento-movimento trata-se, portanto, de mirar com os próprios olhos, usar a própria cabeça para desenvolver mais que teorias: gestos transformadores mesmo que em pequena escala. Isso requer, nas palavras de Rivera Cusicanqui (2020) uma revisão histórica que faça justiça aos discursos descolonizantes, propondo-se a evidenciar os silêncios, os não ditos, os interditos impostos aos subalternizados. E não somente a história oral – cujo potencial epistemológico e teórico avança da lógica instrumental à descolonização da História –, mas, também a sociologia da imagem, a partir de um presente em crise, possibilitam leituras outras a respeito da subalternidade e como superá-la.

Em resposta ao dismantelamento dos modos comunitários de vida “*de la gente a pie*”, a autora vem “entretecendo”/elaborando a epistemologia *ch'ixi* como esforço ativo (e não apenas reativo) de lutas sociais históricas. É na produção de ideias e gestos a partir do cotidiano que se torna possível enxergar/sentir o *abigarrado*, fronteiriço e “mestiço” que é (e, ao mesmo tempo, não é), não mais como sujeito estigmatado/desprezado ou “objeto de pesquisa” a ser investigado, mas como resultado das (im)permanências europeias e índias, além de outras, nas sociedades latino-americanas do presente. Assim, entre “dar voz” e “dar ouvidos” aos oprimidos/excluídos, a obra de Silvia Rivera Cusicanqui faz uma escolha evidente e não apenas enuncia/anuncia as realidades subalternizadas, mas age sobre elas, transformando-as em busca de emancipação/libertação.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

BARBER, Kattalin. [Bolívia] Silvia Rivera Cusicanqui: “Temos que produzir pensamento a partir do cotidiano”. *In*: AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ANARQUISTAS – ANA, [s. l.], 17 fev. 2019. Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2019/03/08/bolivia-silvia-rivera-cusicanqui-temos-que-produzir-pensamento-a-partir-do-cotidiano/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRUCE, Mariana. Relatos de um mundo *ch'ixi*: El Alto/ Bolívia. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 204-234, jan./abr. 2023.

DALFRÉ, Liz Andrea. Mundo ao revés: Silvia Rivera Cusicanqui e a criação de uma episteme visual para a América Andina. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-26, 2023.

ESCARZAGA, Fabiola. Comunidad indígena y revolución en Bolivia: el pensamiento indianista-katarista de Fausto Reinaga y Felipe Quispe. *Política y cultura*, Ciudad de México, n. 37, p. 185-210, primavera 2012.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno [una redefinición]. *In*: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (comps.). *La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas*. Buenos Aires: Clacso, 2007. p. 409-434.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Sociedad plural, colonialismo interno y desarrollo en América Latina. *Revista do Centro Latinoamericano de Ciencias Sociales*, Cidade do México, ano VI, n. 3, p. 431-458 jul./ set. 1963.

GONZÁLES CASANOVA, Pablo. *Sociología de la explotación*. Cidade do México: Grijalbo, 1969.

GRONDIN, Marcelo. *A rebelião camponesa na Bolívia*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História, 83).

HAGEN, Ulrike. *Historia oral indígena*. Trad. Oscar Zambrano. Santa Cruz de la Sierra: APCOB, 1994.

INCLÁN SOLÍS, Daniel. Contra la ventriloquia: notas sobre los usos y abusos de la traducción de los saberes subalternos en Latinoamérica. *Cuhsó. Cultura-Hombre-Sociedad*, Temuco v. 26, n. 1, p. 61-80, jul. 2016.

JÁCOME, Phellipy; KABALIN CAMPOS, Julieta Karol; SOUZA LEAL, Bruno. Olhares intrusos: reflexões e miradas sobre um mundo *ch'ixi*. *Matrizes*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 299-314, 2021.

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui

Giovani José da Silva

JOUTARD, Philippe. *Esas voces que nos llegan del pasado*. Trad. Nora Pasternac. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Colección Popular).

KLEIN, Herbert S. *Bolívia: Do período pré-incaico à independência*. Trad. Alberto Alexandre Martins; Maria da Glória P. Kok. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Tudo é História/ Nossa América, 137)

KOVALCZUK, Amanda. A sociologia de Silvia Rivera Cusicanqui: aproximações ch'ixi sobre o cuidado. *Revista Contraponto*, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 42-62, dez. 2021.

KREKELER, Birgit. *Historia de los chiquitanos*. Trad. Peter Dressendörfer. Santa Cruz de la Sierra: APCOB, 1995.

MELMAN, Charles. O complexo de Colombo. *In: ASSOCIATION FREUDIENNE INTERNATIONALE; MAISON DE L'AMERIQUE LATINE (orgs.)*. Um inconsciente pós-colonial, se é que ele existe. Trad. Angela Jesuino Ferretto *et al.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 25-35.

MIGNOLO, Walter. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 48, p. 187-224, 2020.

MIGNOLO, Walter. El potencial epistemológico de la historia oral: algunas contribuciones de Silvia Rivera Cusicanqui. *In: MATO, Daniel Mato (coord.)*. *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Caracas: Ceap/ Faces; Universidad Central de Venezuela, 2002. p. 201-212.

MIRANDA, Claudia. O debate pós-colonial na América-Latina: contribuições de Silvia Rivera Cusicanqui e Santiago Castro-Gómez. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 213-232, out. 2017/jan. 2018.

MONSALVO, Marcos. La pertinencia de lo ch'ixi (Reseña). *Íconos*, Quito, n. 41, p. 173-175, 2011.

NADAL, Estela Fernández. “Pasado como futuro” y “multitemporalidad” en Silvia Rivera Cusicanqui. *In: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS*, 1., 2019, San Martín. *Anais [...]*. General San Martín: Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, 2019. p. 7. Tema: Humanidades entre pasado y futuro. Disponível em: <https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/1456>. Acesso em: 29 jul. 2024.

OYARZO VARELA, Cristina. La escritura de la historia y la política: el taller de historia oral andina (THOA) y Silvia Rivera Cusicanqui, 1983-1984. *Cuadernos de Historia*, Santiago, v. 57, p. 161-184, 2022.

OTTAVIANELLI, Lucia Gandolfi. Subalternidad e historia oral en Bolivia: el caso del taller de historia oral andina. *In*: JORNADAS INTERESCUELAS/ DEPARTAMENTOS DE HISTORIA, 14., 2013, Mendoza. *Anais* [...]. Mendoza: Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional de Cuyo, 2013. p. 1-12.

PERES-NETO, Luiz. Sul global: uma agenda política para pensar a comunicação? *MATRIZES*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 127-144, jan./abr. 2024.

REINAGA, Fausto. *Obras completas*. La Paz: Convenio Andrés Bello: Facultad de Humanidades: Vicepresidencia de Bolivia: Instituto Internacional de Integración, 1967. Tomo II.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Why (post)colonialism and (de)coloniality are not enough: a post-imperialist perspective. *Postcolonial Studies*, Melbourne, v. 14, n. 3, p. 285-297, 2011.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa*: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. Trad. Ana Luiza Braga e Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. *In*: MARTÍNEZ, Alejandro Rosillo *et al.* (orgs.). *Teoría crítica dos direitos humanos no século XXI*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 154-175.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Oprimidos pero no vencidos*: luchas del campesinado Aymara y Qhechwa 1900-1980. 2. ed. La Paz: La Mirada Salvaje: Hisbol, 1986.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen*: miradas ch'ixi desde la historia andina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'ixi es posible*: ensayo desde un presente en crisis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2020. (Colección Nociones Comunes).

RIVERA CUSICANQUI, Silva; BARRAGÁN, Rossana (comps.). *Debates post coloniales*: una introducción a los estudios de la subalternidad. La Paz: Sepsis: Ediciones Aruwiwiri: Editorial Historias, 1989.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologías*: pesquisa e povos indígenas. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: UFPR, 2018.

STEPHENSON, Marcia. Forging an indigenous counterpublic sphere: the Taller de Historia Oral Andina in Bolivia. *Latin American Research Review*, Cambridge, v. 37, n. 2, p. 99-118, 2002.

“Dar voz” ou “dar ouvidos” aos subalternizados? O “Sul global” em perspectiva na obra de Silvia Rivera Cusicanqui
Giovani José da Silva

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

URQUIDI, Vivian. *Movimento cocaleiro na Bolívia*. São Paulo: Aderaldo & Rotschild: Hucitec, 2007.

VILLALÓN, Corina E. Demarchi; SANABRIA-GONZÁLEZ, Iván David. Como entender o descolonial? releitura de ‘Ch’ixinakax Utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores’. *Cadernos Prolam/ USP – Brazilian Journal of Latin American Studies*, São Paulo v. 18, n. 34, p. 234-243, jan./jul. 2019.

ZAVALETA MERCADO, René. *Obra completa*. La Paz: Plural, 1983. Tomo II.